

ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A LEITURA NA ESCOLA: ENTRE O ESCRITO E O VIVIDO

Francisca Roseneide Gurgel Campêlo, Graduanda do curso de
Pedagogia - UERN. rousygurgel.1@hotmail.com
Francisca Rozângela Gurgel CAMPÊLO, Graduanda do curso de
Pedagogia - UERN. angela-gurgel@hotmail.com
Iandra Fernandes Pereira Caldas, Professora Orientadora - UERN.
iandrafernandes@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo é fruto da experiência vivida no componente curricular Estágio Supervisionado I, Campus Avançado Prof^ª Maria Elisa de Albuquerque Maia/CAMEAM na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN. Objetivamos com esse artigo relatar as experiências vividas no Estágio, enfocando as práticas de leituras na sala de aula e suas contribuições no processo de desenvolvimento do gosto pela leitura dos alunos. Para tanto a pesquisa possui uma abordagem qualitativa e é de caráter participante, o instrumento de coleta de dados a qual utilizamos foi o relato da experiência vivida. Nos embasamos em autores como: Pimenta e Lima (2008), Lima (2004), Caldas (2013); Villardi (1997), José (2007), Martins (2007), Pennac (2011), entre outros. Deste trabalho conclui-se que as atividades realizadas nas duas semanas de estágio trouxeram resultados significativos para formação leitora dos alunos, vez que foi possível observar um avanço no que diz respeito à participação das crianças nas atividades de leituras, socialização das ideias. Através das leituras literárias percebemos o despertar do imaginário, criatividade e um maior gosto pelo universo da leitura. Quanto ao Estágio em si, podemos compreender que foi de grande significação para nossa formação enquanto educadores.

PALAVRAS CHAVES: Estágio Supervisionado. Leitura. Literatura Infantil.

INTRODUÇÃO

É notório que o Estágio Supervisionado se configura como um elemento essencial na formação de qualquer aluno, vez que este proporciona uma relação significativa de articulação de teoria e prática. O presente artigo é fruto da experiência vivida no Estágio Supervisionado I, a presente pesquisa é de caráter participante, dando ênfase a abordagem qualitativa e o instrumento de coleta de dados a qual utilizamos foi o relato da experiência vivida. Objetivamos relatar as experiências vividas no Estágio enfocando as praticas de leituras na sala de aula e de que forma contribuimos no processo de desenvolvimento do gosto pela leitura.

O referencial teórico utilizado no artigo se ancora nas concepções de: Pimenta e Lima (2008) que discutem sobre o estágio e docência e a articulação entre teoria e pratica no contexto escolar; Lima (2004) e Caldas (2013); as quais ambas realizam reflexões sobre o estágio supervisionado e a ação docente, Villardi (1997) que discute sobre o gosto e o prazer

pela leitura, Elias José (2007) sobre a literatura infantil e a importância de ler contar e encantar as crianças através da contação, Martins (2007) enfoca sobre o que é leitura e o papel do educador na formação leitora, Pennac (2011) que aborda a leitura de forma gratuita, sem o interesse de trabalhar lição de moral ou conteúdos didáticos e discursivos. Assim como Rouxel (2013) que discorre sobre os aspectos positivos da literatura na formação leitora, entre outros autores.

O presente artigo está organizado da seguinte forma: no primeiro momento realizaremos uma discussão teórica abordando a importância do Estágio Supervisionado para o processo de formação, e em seguida o papel da leitura e como trabalhar-la, de forma que estimule o gosto e o prazer, assim como a sua contribuição no processo ensino aprendizagem. No segundo momento realizaremos o relato de experiência e por fim a conclusão.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: ENTRE O ESCRITO

É perceptível que o estágio é de suma relevância no processo de formação inicial do pedagogo, proporcionando uma compreensão detalhada dos vários níveis e modalidades de ensino que poderá atuar, desde o espaço escolar ao não escolar. Vale ressaltar que a noção de estágio aqui não limita-se somente a uma experiência com a prática, mas sim, a uma concepção de estágio enquanto momento propício para a pesquisa. Segundo Lima (2004) o estágio supervisionado é o momento de refletir sobre o que é ser professor, e consequentemente entender o seu papel e o da escola na sociedade. Desta forma, no contato com a realidade e durante o cotidiano da escola o estagiário deve perceber o importante papel do pedagogo na sala de aula, e entender que este é um espaço de transformação e que o educador nesta perspectiva o agente contribuidor para a mudança na escola, compreendendo assim a sua função social.

O Estágio Supervisionado também proporciona ao aluno a se descobrir, enquanto educador, ou se são por outros caminhos que quer percorrer. É um dos momentos de articular as teorias estudadas durante o curso com a prática. É importante ressaltar que essa articulação deve existir durante todo o percurso das disciplinas, desmistificando a concepção que teoria e prática são dissociadas, de acordo com Pimenta e Lima:

A prática pela prática e o emprego de técnicas sem a devida reflexão podem reforçar a ilusão de que há uma prática sem teoria ou de uma teoria desvinculada da prática. Tanto é que frequentemente os alunos afirmam que “na minha prática a teoria é outra”. (PIMENTA E LIMA, 2008, p. 37).

Necessário se faz que a finalidade do estágio esteja intimamente relacionada com o intuito de formar o aluno na perspectiva da aproximação à realidade na qual atuará, isto é, o estágio proporciona momentos de reflexões, de perceber que as teorias estudadas no decorrer das disciplinas estão imbricadas com o fazer do educador, nos distanciando da ideia de que o estágio é apenas prática. Isso nos faz compreender que teoria e prática são indissociáveis, sendo que ambas tem aspectos fundamentais para a formação de um bom profissional. Assim, quando percebe-se no discurso de alguns alunos que a teoria não se aplica na prática, é porque estes não compreenderam que a teoria pode ser adequada de acordo com a realidade da sala de aula.

Como defende CALDAS (2013) o estagiário precisa:

Desenvolver um olhar sensível e imperativo acerca da realidade da escola e da universidade, compreendendo os fatos para além das aparências ou evidências habituais e perguntar-se: quais as teorias estudadas na universidade que, realmente, alicerçam a prática pedagógica na escola? Que teorias os professores das escolas constroem sobre o processo de ensino-aprendizagem? (p, 72)

Assim, o estagiário precisa despertar um olhar crítico, sensível diante a prática, ressaltamos aqui que não se deve ir ao campo de estágio com um (pré) conceito da instituição ou dos profissionais que estão a anos trabalhando, mas é possível através de diálogos, de um olhar investigativo perceber as lacunas existentes, para a partir dessa realidade, desenvolver o seu trabalho enquanto estagiário, de forma que venha a contribuir na realidade vigente. Nesse momento, é importante está sempre articulando os conhecimentos adquiridos na universidade com os que se aplicam na prática pedagógica, percebendo também as teorias que os professores da instituição escolar desenvolvem ou constroem no processo de aprendizagem dos alunos e no seu fazer enquanto educador.

É visível que o estagiário tem o papel de observar, de investigar e de aprender, vez que essa experiência constitui-se como um dos momentos cruciais no seu processo de formação e que nesse processo o estagiário em muito aprende com os atores presente na escola, seja na prática do professor, no processo de aprendizagem dos alunos, nas atitudes dos demais profissionais da escola, todos contribuem na formação do estagiário. Existe nesse processo uma riquíssima troca de conhecimentos, pois, a aprendizagem não se dá por si só, como defende Pimenta e Lima (2008) o estagiário deve desenvolver suas atividades em uma perspectiva coletiva, visto que, todo o percurso na instituição de ensino é resultante de um

trabalho em conjunto com os profissionais da escola, ações essas que devem estar articuladas com os contextos sócias, culturais dos discentes.

Assim, como defende Pimenta (2001), o aluno estagiário deve “[...] saber observar, descrever, registrar, interpretar e problematizar e, conseqüentemente, propor alternativas de intervenção” (PIMENTA, 2001, p. 76). Durante a semana da observação em *lócus* é relevante que busque registrar quais são as problemáticas encontradas em sala de aula, para que, durante a regência essa dificuldade seja trabalhada pelo mesmo, de modo que a sua intervenção venha a contribuir para uma possível resolução da problemática encontrada. Caso a problemática encontrada neste período venha a ser a leitura é necessário desenvolver os planos de aulas nesta perspectiva, objetivando ações que desenvolvam e estimulem o gosto e o prazer das crianças pela leitura.

A LEITURA NA ESCOLA

É inquestionável o papel e a relevância da leitura na formação da criança, na qual proporciona à imaginação, criatividade, a linguagem oral e contribui no processo cognitivo. Dessa forma, torna-se fundamental que esta prática seja desenvolvida desde a mais tenra idade, nesta perspectiva os pais têm um papel fundamental, pois são eles os responsáveis pelo início da aprendizagem dos seus filhos e o primeiro contato com as leituras e com os livros literários. Quando isso não ocorre, a responsabilidade de estimular o gosto e o prazer de ler da criança recai sobre a escola e conseqüentemente sobre o professor.

Para tanto, é importante ressaltar o verdadeiro significado da leitura, sendo que para muitos resume-se a decodificação de símbolos ou códigos, o que acaba sendo um desastre na formação do leitor. Segundo Martins (2007) o educador nesse processo tem um papel significativo, que não se resume a ensinar a ler os códigos, mas sim a possibilitar condições que leve o aluno a perceber que ler é ir além das palavras. Nesta mesma perspectiva, segundo Vilard (1997, p.04):

[...] ler é construir uma concepção de mundo, é ser capaz de compreender o que nos chega por meio da leitura, analisando e posicionado-se criticamente frente às informações colhidas, o que se constitui com um dos atributos que permitem exercer, de forma mais abrangente e complexa, a própria cidadania.

Desse modo, o educador precisa mediar os alunos para que estes aprendam a fazer a leitura de mundo, ler e saber interpretar, despertar uma leitura crítica em que os mesmos

possam construir a sua própria aprendizagem. Nesta perspectiva, o educador é o mediador na formação leitora, que na sua prática diversifica as formas de trabalhar com a leitura, possibilitando ao aluno um conhecimento mais amplo.

Neste sentido a literatura infantil é um dos melhores caminhos para o professor despertar a imaginação, as emoções e a criatividade, assim, como o incentivo pelo gosto e prazer pela leitura. De acordo com Rouxel (2013, p. 24):

A literatura lida em sala convida também a explorar a experiência humana, a extrair dela proveitos simbólicos que o professor não consegue avaliar, pois decorrem da esfera íntima. Enriquecimento do imaginário, enriquecimento da sensibilidade por meio da experiência fictícia, construção de um pensamento, todos esses elementos que participam da transformação identitária estão em ato na leitura.

A fala da autora enfatiza a importância do professor trabalhar a literatura em sala de aula como meio de despertar na criança o imaginário, novos sentimentos, visões de mundo, construir novos conhecimentos e desenvolver-se intelectualmente. É importante ressaltar que a forma como o professor media a leitura, ou como conta uma história é essencial no processo da formação leitora.

Nesta perspectiva segundo Cavalcante (2002) o contador de história precisa seguir alguns aspectos para atrair e possibilitar o gosto dos alunos pela leitura, para o mesmo o educador precisa ser apaixonado pelo mundo mágico da contação, contar a história com entusiasmo, sentimento de entrega e provocar curiosidade dos leitores.

Outro ponto que precisa ser levado em conta é o fato do professor sempre usar a leitura com o intuito de questionar algo ou para trabalhar uma lição de moral com as crianças. José (2007, p. 64), defende que “[...] nunca se deve confundir literatura, oral ou escrita, com lição de moral [...], a narrativa deve passar prazer, provocar fruição, sem qualquer preocupação com pragmatismo didático, discurso ideológico ou sermões”. Desse modo fica claro que apesar da leitura ser trabalhada em alguns momentos em sala de aula com a finalidade de desenvolver alguns conteúdos ou problemática existente neste ambiente, é necessário que exista a leitura deleite, sem qualquer cobrança ou lição de moral. Como também defende Daniel Pennac (2011), no seu livro “*Como um romance*”, a leitura deve se dá de forma gratuita.

RELATO DA EXPERIÊNCIA: ENTRE O VIVIDO

O presente artigo é um relato da experiência no Estágio Supervisionado I enfocando as práticas de leituras, por percebermos que esta foi uma das lacunas encontradas no percurso da semana de observação. É importante destacar que as discussões e as teorias estudadas no período que antecedeu a observação e regência do estágio na disciplina Estágio Supervisionado foram bastante significativas para nossa primeira experiência na prática, vez que através destas fomos a *lócus* mais fundamentados e com uma ótica mais sensível e de pesquisador.

Na primeira semana foi o momento de conhecermos a escola, a equipe pedagógica, as parcerias, o seu funcionamento, o nível de formação dos professores e a estrutura da escola em geral. No que diz respeito ao *lócus*, foi perceptível que devido à creche Municipal Criança Feliz funcionar em uma casa, dificulta o trabalho dos professores e demais profissionais, por uma questão de espaço. É importante destacar que mesmo diante deste impasse, os componentes da escola, e mais especificamente a diretora buscam desenvolver situações de interações, entre os alunos e a família de forma criativa, e devido à instituição não oferecer um local propício para realização das culminâncias, estas são realizadas em um galpão próximo a escola.

Quanto a definição da turma a qual iríamos estagiar, nos identificamos já no primeiro contato com os alunos e a educadora do pré – III. Como mencionado anteriormente a escola funciona em uma casa, deste modo a classe a qual iremos lecionar situa-se na “sala da casa”, assim sendo todos os professores, alunos e demais componentes da escola que necessitam sair das suas salas passam pelo local em que estão a turma do pré- III o que provoca a distração destes no momento das atividades, essa foi uma das dificuldades encontradas.

Em seguida ainda na observação nos direcionamos a perceber a didática da professora, se existia uma rotina, a qual foi percebida que sim. Também nos detemos ao nível de desenvolvimento de aprendizagem e alfabético dos alunos. Assim como as possíveis problemáticas, para a partir disso construir os nossos planos de aula objetivando desenvolver ações que contemplasse as lacunas encontradas.

Diante a observação da primeira semana constatamos que existia certa carência acerca da leitura, nesta perspectiva buscamos elaborar planos de aula voltados para a leitura, mas contemplando também outras áreas de conhecimento e outros conteúdos. Depois do breve levantamento de possíveis temáticas a serem trabalhadas, buscamos desenvolver estratégias

diversificadas que proporcionassem as crianças momentos prazerosos com a leitura deleite e de forma lúdica.

Durante a segunda e terceira semana se deu a regência, momento de “assumirmos” junto com a professora a sala de aula e colocarmos em prática os planos construídos com base nas problemáticas encontradas na observação. No início estávamos um pouco apreensivas, por se tratar da primeira experiência como docente, mas nos primeiros minutos de aula esse nervosismo deu lugar a um entusiasmo e alegria por vivenciarmos tamanha experiência.

É importante frisar que como foi constatado na observação existia uma rotina, o que foi dado continuidade. No primeiro dia de aula após nos apresentarmos e conhecermos os alunos iniciamos uma discussão sobre as férias e entregamos para os mesmos um diário de férias, ao qual teriam que criar uma história de forma coletiva com a nossa mediação. Que ficou da seguinte forma: “Minhas férias foram maravilhosas, viajamos para o sítio, praia e para o Egito. Estamos felizes por voltarmos para escolinha”. Na fala das crianças foi perceptível que enquanto alguns viajaram para a casa de familiares, outros fizeram uma viagem através da imaginação, quando um dos alunos mencionou que viajou para o Egito. No diário também fizeram lindos desenhos que retrataram as férias, ainda no primeiro dia nos deleitamos com a contação da história Chapeuzinho Amarelo de Chico Buarque (2006) e espontaneamente os mesmos associaram a história lida com Chapeuzinho Vermelho e discutiram sobre os aspectos da história, ressaltando o medo, a coragem, entre outros sentimentos.

Durante o percurso das duas últimas semanas realizamos formas distintas de trabalhar a leitura, como forma de despertar ainda mais o gosto e o prazer em ler. Realizamos momentos de contação de história oral, leitura de livros ilustrativos que para alguns era ainda mais interessante, pois, as imagens aguçavam a imaginação. Também trabalhamos com o contação de histórias por eles para os demais colegas, e nisso, percebemos o quanto ficavam entusiasmados e se sentindo importantes por serem os contadores. Em alguns momentos também havia o reconto.

Nos encantou a oralidade, a forma distinta da contação de cada um, as variações das entonações nas falas dos personagens da história e as expressões corporais. É importante ressaltar que as escolhas das histórias deleite ficavam a critério deles em algumas das atividades e nessas opções por qual história contar, ou a forma de recontar percebemos as singularidades, uns eram mais expressivos, alguns um pouco tímidos, outros contavam readaptando da sua maneira. Mas o importante é que todos queriam participar desses momentos.

No decorrer das duas semanas também realizamos rodas de leituras literárias, e para tornar o momento ainda mais interessante levávamos os alunos para um ambiente fora da sala, no pátio da escola, sentados no chão formávamos um círculo para nos deleitarmos com as leituras. Em um desses momentos realizamos a leitura do livro “O menino que espiava para dentro” da autora Ana Maria Machado (2008), eles ficavam encantados com a história, as imagens, e antes mesmo de terminar a leitura já queriam recontar. Em seguida realizamos a mediação do reconto e de forma espontânea foram expressando seus sentimentos, curiosidades, alguns mostrando que como o menino da história também realizavam lindas viagens através da imaginação, foi um momento inesquecível.

Como a leitura não se resume somente a decodificação de letras, também realizamos a leitura de imagens e para dinamizar esse momento realizamos um círculo e em seguida entoávamos uma música, quando esta parasse, quem estivesse com o livro iria fazer a leitura das imagens e os próximos continuariam a história de acordo com as ilustrações.

Nesse percurso também trabalhamos outros gêneros, como a poesia e a realização de brincadeiras com motivos de pirata, para estimular o gosto pela leitura. Para tanto espalhamos na escola antes da chegada dos alunos mapas com “pistas” e um baú com o tesouro. No momento da aula buscamos conhecer as concepções prévias dos alunos sobre o universo dos piratas e em seguida lemos um pequeno texto, o qual continha a informação que o “pirata Francis” havia perdido o seu tesouro, e quem o encontrasse teria uma vida muito doce e poderia dividir com seus colegas. Logo depois, anunciamos que o tesouro tinha sido escondido na Creche Criança Feliz, essa informação os deixaram eufóricos, em seguida propomos a busca ao tesouro e para incentiva-los ainda mais levamos para a turma toucas vermelhas e tapa olhos para que pudessem se caracterizar e juntos embarcamos no mundo dos piratas, ao encontrar o tesouro se deliciaram com os bombons presente nela e em seguida se deleitaram com a poesia “O Pirata” de Andra Valladares, foi um dia mágico tanto para eles como para nós.

Durante essas semanas também trabalhamos a encenação através da história da Dona Baratinha da autora Ana Maria Machado (2004), objetivando estimular a leitura através da dramatização, para que os alunos tivessem um contato mais íntimo com a obra lida, incentivando também a socialização, para desenvolver melhor as relações com o outro e possibilitar aos mesmos formas diferentes de trabalhar a leitura lida, para que percebam como é maravilhoso o universo da leitura.

É relevante ressaltar que nosso foco como já mencionado foi à leitura, mas no decorrer das duas últimas semanas também trabalhamos temas como; a identidade, o preconceito, o

respeito, as palavrinhas mágicas a escrita, exploramos as formas geométricas através da leitura, fomos à brinquedoteca do CAMEAM/UERN, entre outras atividades a qual exploramos conteúdos e conhecimentos diversos.

Assim, diante as atividades realizadas e resultados positivos obtidos perante estas, é perceptível que a leitura em muito contribui na construção do conhecimento da criança, e através da literatura infantil é possível despertar o imaginário, criatividade, sonhos, sentimentos e um incentivo pelo gosto do universo da leitura.

TECENDO AS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante ao objetivo de relatarmos as experiências vividas no Estágio Supervisionado I enfocamos as práticas de leituras na sala de aula. Através das atividades leitoras desenvolvidas no decorrer do estágio, os alunos que não gostavam de se comunicar oralmente e participar de atividades de encenação despertaram para essas atividades e a timidez no decorrer desse processo foi dando espaço para a desinibição de modo que se tornaram mais participes, se envolvendo significativamente nas leituras e socializando suas ideias diante a estas. Desse modo, esperamos que o trabalho com a leitura deleite continue na prática, para que os alunos não percam o encanto e o entusiasmo de buscar nos livros o conhecimento e continuem alimentando a imaginação e a sensibilidade.

Buscamos desenvolver atividades com histórias variadas, como forma de construir o prazer pela leitura nos diferentes interesses das crianças pelas histórias, vez que os alunos apresentam interesses distintos de leitura. Durante a realização das contações percebemos que os alunos ficavam muito atentos à leitura deleite, com um olhar de busca, interesse em contribuir com a história dos personagens e inquietos para descobrir o final da história. O que nos faz compreender que a ideia de que os alunos não gostam de ler deve ser desmistificada, pois é uma concepção equivocada que alguns professores utilizam para não desenvolverem bem o seu trabalho.

Desse modo, claro está, que para formar leitor para a vida, necessário se faz que o professor ao trabalhar a leitura busque diversificar as histórias, os gêneros, a forma de contar, buscar usar as entonações contidas nas histórias como forma de desenvolver nos alunos os sentimentos contidos na mesma, estejam sempre usufruindo da leitura deleite sem obrigatoriedade, como defende Pennac (2011) ler de forma “gratuita” e principalmente, é essencial que o professor seja um apaixonado por contação de história, essa é a forma de mostrar para as crianças o encantado mundo da literatura e do ato de ler.

Assim, contribuirmos no processo de desenvolvimento do gosto pela leitura e compreendemos que o nosso objetivo foi alcançado pelo fato de que conseguimos despertar em alguns e ampliar em outros o gosto pela leitura.

Faz-se necessário destacar, a significativa experiência do Estágio Supervisionado I para nossa formação enquanto futuras educadoras. Diante a essa experiência percebemos que em nem uma hipótese a teoria distanciou-se da prática, pelo contrário em nossa prática percebemos que a realidade na qual estávamos atuando necessitava constantemente de adequarmos as teorias estudadas na universidade durante o percurso do curso, para atuarmos com mais precisão e consistência em sala de aula.

REFERÊNCIAS

CALDAS, Iandra Fernandes Pereira. Dissertação. **Estágio Supervisionado: necessidades formativas do curso de pedagogia.** UERN- Mossoró: 2013.

CAVALCANTE, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica / Joana Cavalcante.** – São Paulo: Paulus, 2002.

DALVI, Maria Amélia. REZENDE, Neide Luiza de. FALEIROS, Rita Jover. orgs. **Leitura de literatura na escola.** In: ROUXEL, Annie. **Aspectos metodológicos do ensino da literatura.** São Paulo, SP: Parábola, 2013.

JOSÉ, Elias. **Literatura infantil: ler, contar e encantar crianças** – Porto Alegre: Mediação, 2007.

LIMA, Maria Socorro Lucena. **A hora da prática: reflexões sobre o estágio supervisionado e ação docente; colaboradores, Zuleide Ferras Garcia...[et al.]** – 4.ed., ver. e ampl. – Fortaleza: edições Demócrito Rocha, 2004.

MARTINS, Maria Helena. **O que é Leitura.** São Paulo: Brasiliense, 2007. - - (Coleção primeiros passos; 74).

PENNAC, Daniel. **Como um romance;** tradução de Leny Werneck. – Porto Alegre, RS: L&PM; Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

PIMENTA, Selma Garrido, LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência;** revisão técnica José Cerchi Fusari. – 3. Ed. – São Paulo: Cortez, 2008.

VILARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida.** Rio de Janeiro: Qualitymark, Ed. 1997.